

Armadilha para jovens

Adolescentes são a maioria dos usuários de *vapes*, que rapidamente geram dependência de nicotina

MARIANA CECI

Há três décadas, a cardiologista Jaqueline Scholz lida diariamente com os impactos negativos do tabagismo sobre a saúde das pessoas. Diretora do programa de tratamento ao tabagismo do Instituto do Coração (InCor) da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FM-USP), ela já acompanhou milhares de pessoas em busca de ajuda para romper com a dependência do cigarro.

Nos últimos anos, porém, um novo perfil de paciente se tornou mais comum: jovens e adultos que tentam se livrar do vício resultante do uso contínuo dos dispositivos eletrônicos para fumar (DEF), os cigarros eletrônicos, também conhecidos como *vapes*. “Sintomas que levavam anos para surgir em fumantes tradicionais, como acordar no meio da madrugada com vontade de fumar, aparecem nos consumidores de *vapes* apenas alguns meses após o início do uso”, inquieta-se Scholz.

A situação é preocupante porque o uso do *vape* tem se espalhado principalmente entre os jovens. Segundo a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) de 2019, cerca de 1 milhão de brasileiros eram usuários atuais de cigarros eletrônicos,

com maior prevalência entre jovens de 15 a 24 anos, que representavam 70% dos consumidores do produto.

De acordo com a terceira versão do Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (Lenad), divulgada em junho, mais de um em cada 10 adolescentes (11,4%) já experimentou o cigarro eletrônico, uma proporção acima da verificada entre os adultos (8,8%). A prevalência é ainda maior entre jovens de 18 a 24 anos: 25% afirmaram ter usado o dispositivo alguma vez e 16,7% relataram tê-lo utilizado no último ano. Além disso, 76,3% dos adolescentes que experimentaram continuam a utilizar os dispositivos, revelando altas taxas de continuidade do uso. O inquérito incluiu dados sobre o uso dos DEF com uma amostra representativa (16.608 pessoas) da população brasileira com 14 anos ou mais.

Do total de pessoas que já utilizaram cigarros eletrônicos (*vapes*), 26% relataram uso no mês anterior à pesquisa – entre os adolescentes, 31,8% –, indicador considerado pelos especialistas como o mais adequado para identificar o uso contínuo ou recorrente desses dispositivos. Esse número é semelhante ao registrado pela pesquisa Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças

Vape é a única droga com mais usuários do sexo feminino, entre os adolescentes

CIGARETTES



PING
NOT
RIMI

V
AND

IT'S
SM
I
VA

E
VA



S NOT
MOKE
T'S
APES

IGA

LL I
D IS
APE

PE
A

E

MR.
WAXBEN

VAPES

DO YOU
EVEN

Crônicas por Inquérito Telefônico (Vigitel), que desde 2019 monitora o uso de *vapes* na população brasileira. Segundo o Vigitel, 2,1% dos adultos nas capitais do país utilizam cigarro eletrônico diariamente ou ocasionalmente.

Embora tenham se espalhado pelo mundo, os *vapes* ainda não se popularizaram amplamente no Brasil. De acordo com o Lenad, 91,2% dos brasileiros nunca experimentaram os dispositivos e 17,6% sequer sabem o que são *vapes*. Uma das razões de seu uso limitado é a proibição de venda no Brasil, imposta pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). Proporcionalmente, 15% dos moradores do país, o equivalente a 26,8 milhões de pessoas, fumam algo com nicotina – dois adeptos do *vape* para cada 8 do cigarro comum.

“Muita gente minimiza a questão da legalidade, mas os dados mostram que manter esses dispositivos fora do mercado legal tem sido fundamental para proteger a população brasileira, especialmente os mais jovens”, afirma a psicóloga Clarice Madruga, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), responsável pelo Lenad.

O epidemiologista André Szklo, do Instituto Nacional do Câncer (Inca), que não participou dessa pesquisa, observa uma mudança no perfil de fumantes. “A epidemia do tabaco no Brasil sempre esteve concentrada na população de baixa renda e escolaridade, mas o *vape* trouxe para esse cenário jovens de classes sociais mais altas e com maior nível de escolaridade, que dificilmente teriam aderido ao cigarro comum”, analisa o pesquisador.

Vendas on-line agora predominam, já que a fiscalização atua sobre bancas e lojas

Entre os novos usuários dos *vapes* constam grupos da população que apresentavam proporções mais baixas de consumo de tabaco, como as gestantes. Em um estudo publicado em junho de 2024 na revista *Nicotine & Tobacco Research*, com base na PNS, Szklo, com pesquisadores da Universidade Johns Hopkins, nos Estados Unidos, verificou que o uso de tabaco entre mulheres grávidas passou de 4,7% em 2013 para 8,5% em 2019, praticamente a mesma proporção registrada entre mulheres não grávidas em 2019.

“Algumas mulheres fumantes começam a usar o cigarro eletrônico durante a gestação por acreditarem que ele causa menos danos à saúde, mas depois acabam voltando para o cigarro convencional, de menor preço”, diz. Segundo ele, esse cenário é preocupante, porque as mulheres, que sempre foram minoria entre os fumantes, hoje são maioria entre os usuários mais jovens de *vape*.

De acordo com o Lenad, essa é a única droga com maior proporção de usuários do sexo feminino no grupo de adolescentes. A prevalência de uso no mês anterior à pesquisa foi de 4,6% entre meninas e 2,6% entre meninos. Entre as meninas, 12,3% já consumiram o *vape* em algum momento da vida, em comparação a 10,6% dos meninos.

Adiferença de preços favorece os *vapes*. Um pod (cápsula recarregável ou descartável) custa em média R\$ 150 e rende 15 mil puffs (tragadas), enquanto um maço com 20 cigarros comuns custa de R\$ 6,50 a R\$ 15,00. A variação de preços dos dispositivos eletrônicos completos, no entanto, é grande, dependendo das funcionalidades, potência e personalização. Os modelos mais simples ou descartáveis custam entre R\$ 50 e R\$ 200, enquanto os mais avançados podem chegar a R\$ 700.

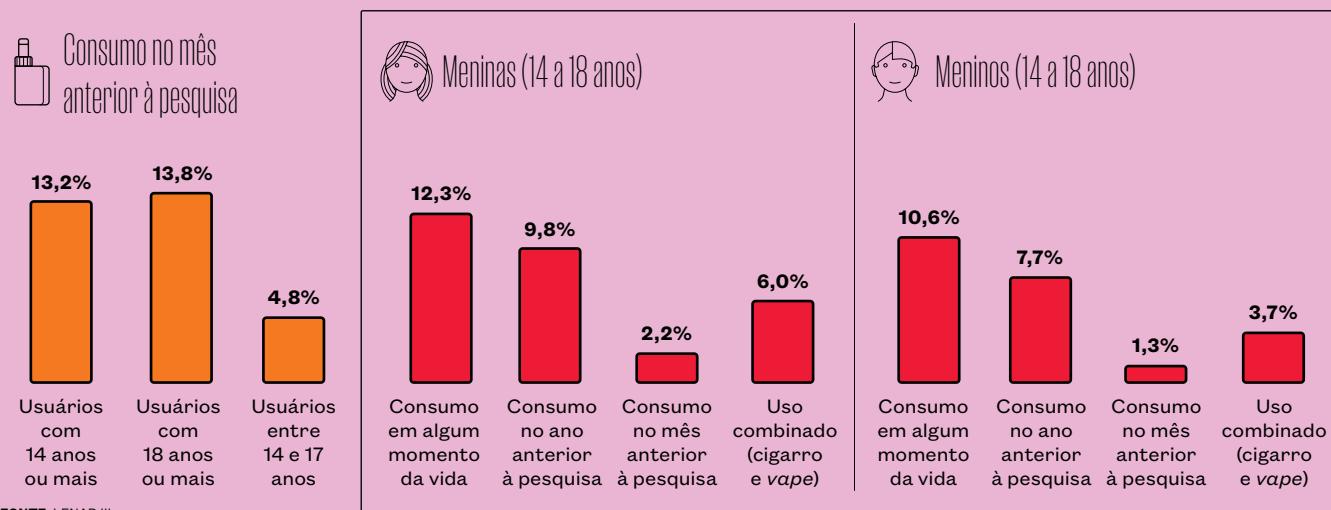
Vendidos a partir de 2004, inicialmente na China, os *vapes* chamaram a atenção por serem pequenos, coloridos, com um design tecnológico, que lembra um brinquedo, por oferecer sabores frutados e aromas agradáveis e representar uma alternativa supostamente mais saudável que os cigarros convencionais. A promessa de menor dano não se sustentou, à medida que as pesquisas revelam riscos até então pouco conhecidos e cada vez mais pessoas descobrem na prática os efeitos adversos do uso prolongado.

Além da dependência, cujo tratamento combina apoio psicológico, mudanças de comportamento e medicamentos, doenças cardiovasculares e pulmonares despontam de forma precoce entre os usuários de *vapes*. Um exemplo é a EVALI (E-cigarette or Vaping Product Use-associated Lung Injury), uma lesão pulmonar aguda liga-



Perfil dos usuários de vapes no Brasil

Entre adolescentes, o predomínio é feminino



FONTE LENAD III

da ao uso de cigarros eletrônicos, que emergiu nos Estados Unidos em 2019 e atingiu principalmente jovens na casa dos 20 anos sem histórico prévio de problemas respiratórios (*ver Pesquisa FAPESP nº 319*).

ALTA CONCENTRAÇÃO DE NICOTINA

A alta concentração de nicotina dos *vapes* é uma das principais causas dos danos à saúde. A absorção da nicotina, a substância que provoca a dependência do tabaco, é rápida: em 6 a 10 segundos após a inalação, chega ao cérebro, onde estimula a liberação de neurotransmissores responsáveis pela sensação de prazer associada ao ato de fumar.

Scholz, do InCor, participou de um estudo publicado em junho de 2025 na *International Journal of Environmental Research and Public Health* que detectou concentrações elevadas de nicotina na saliva de usuários exclusivos de *vape*, independentemente do tempo de uso, do histórico de tabagismo ou da idade. Entre os 417 participantes desse estudo que fumavam exclusivamente *vapes*, 49 apresentaram níveis acima de 400 nanogramas por mililitro (ng/ml), valor equivalente ao de quem fuma cerca de 20 cigarros por dia. Outros 15 atingiram concentrações médias de 2.400 ng/ml, níveis considerados alarmantes pelos especialistas.

Os *vapes* suavizam a ardência na garganta, um efeito indesejado comum dos cigarros tradicionais. A razão do menor desconforto dos cigarros eletrônicos é o sal de nicotina, obtido pela combinação da nicotina com um ou mais ácidos. A formulação usada no cigarro eletrônico permite que os fabricantes produzam líquidos com concentrações muito mais altas de nicotina sem causar a irritação típica da fumaça do cigarro. Scholz e

Szklo destacam que essa característica facilita o consumo repetido e pode acelerar o desenvolvimento da dependência, já que doses elevadas são inaladas sem arranhar a garganta.

Segundo Scholz, o vício dos *vapes* corre exatamente dos níveis mais elevados de nicotina, aos quais se soma a possibilidade de fumar escondido em lugares públicos, onde o cigarro comum não seria permitido. “O *vape* permite que a pessoa fume sem deixar vestígios, como o odor, o que se torna um convite ao uso contínuo”, constata. “Uma pessoa leva de dois a três anos para passar do uso ocasional do cigarro tradicional para o consumo de um maço por dia. Com os usuários de *vapes*, essa progressão é muito mais rápida.”

Para Madruga, a coordenadora do Lenad, é fundamental adotar estratégias específicas para atingir os diferentes perfis de usuários e níveis de risco de dependência. Isso inclui dificultar o acesso dos adolescentes, combater a percepção equivocada de que o *vape* oferece menos riscos à saúde e, sobretudo, intensificar e modernizar as maneiras de fiscalização de venda ilícita, que pode ser tanto virtual como física. “Canais altamente acessados por adolescentes, como Instagram e TikTok, precisam ser monitorados com mais rigor, porque são hoje as principais portas de exposição e promoção dos dispositivos eletrônicos para fumar”, recomenda. “A venda desses dispositivos é ilegal e deve ser denunciada.” ●

Os artigos científicos consultados para esta reportagem estão listados na versão on-line.